

## O TEATRO OPERÁRIO NO ABC

Kátia Rodrigues Paranhos

Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia - UFU

“A luta continua para vencer o patrão/ na rua/ na fábrica/ na hora da diversão.”

*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos, 16 de jun. 1981.*

### I - Introdução

Este texto discorre sobre a atuação do Grupo de Teatro Forja, ligado ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Durante a década de 1980, lideranças sindicais estavam empenhadas em mobilizar os metalúrgicos por meio de programações culturais, planos de formação política e projetos de comunicação. Ao procurarem organizar a categoria, instituem o campo cultural como uma estratégia de luta decisiva naqueles anos. Destaca-se, então, o significado político do Grupo de Teatro Forja, constituído pelos dirigentes sindicais, trabalhadores da base e por um ator e diretor de teatro.

Tal grupo se distinguia especialmente pela criação coletiva de textos, por atuar nas campanhas salariais (nas portas de fábricas, nas assembléias e nos bairros) e na assessoria a movimentos sociais locais, não deixando de lado a montagem de peças identificadas com seu projeto estético-político. Buscarei, assim, evidenciar que, para o Forja, era fundamental associar a escritura de textos, como uma forma de intervenção social e ficcional, ao chamado “trabalho cultural de libertação” dos trabalhadores.

O Forja acabou produzindo um universo de linguagens, representações, imagens, idéias, noções que eram assimiladas tanto pelas lideranças sindicais como pelos trabalhadores da base. Sem dúvida, o teatro operário impulsionou, de forma decisiva, o movimento dos trabalhadores metalúrgicos em São Bernardo em direção a uma experiência cultural significativa para o sindicalismo brasileiro. Como lembra Octavio Ianni, “a emancipação da classe operária, em termos sociais, econômicos e políticos, compreende também a sua emancipação cultural”.

O que o movimento dos trabalhadores do ABC, juntamente com os intelectuais de uma tradição de esquerda, fez em relação ao sindicato e à cultura é algo digno de registro. Por isso, ao focalizar esses homens, sujeitos sociais com práticas e experiências de vida e consciências distintas, o fator que prepondera é a disponibilidade para o exercício do pensamento. Os operários não são vistos como uma “coisa”. Seguindo os ensinamentos de Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, os trabalhadores não são apresentados como um grupo passivamente explorado, mas como um conjunto de pessoas que criam sua própria tradição, apesar da modernização da mídia de massa e da incorporação à cultura massificada.

## II – O Teatro Operário

É importante esclarecer que as atividades culturais organizadas pelas lideranças sindicais de São Bernardo<sup>1</sup> abrangem: a coluna cultural no jornal *Tribuna Metalúrgica*, o apoio ao futebol, com a fundação do Grêmio, os bailes, as festas, os piqueniques, (não há como não lembrar dos anarquistas que também promoviam esses eventos) dicas no jornal sobre livros, discos e programas de televisão, a constituição de um departamento cultural responsável pelas mais diferentes iniciativas, os festivais de música e de pipa e o grupo de teatro.

Assim sendo, desde 1971 os dirigentes sindicais reservaram um lugar no jornal para noticiar as atividades culturais. No nº 1 da TM, os assuntos estavam dispostos em colunas relativas aos problemas econômicos, políticos, sociais e culturais. O nome da primeira coluna cultural era *Recreação e esporte*. A tônica estava voltada para o futebol, com a fundação do Grêmio Esportivo Metalúrgico e para os piqueniques. Em março de 1972, teremos a estréia do *Bilhete do João Ferrador* e a coluna *Recreação, cultura e esporte*.<sup>2</sup> Além de futebol e dos passeios, a nova coluna procurava explicar os fatos históricos para os trabalhadores metalúrgicos.

Em 1975, o jornal *TM* veiculava o artigo "O teatro está perto de você" sobre o Grupo Ferramenta de Teatro, ligado a Escola de Madureza do sindicato, o Centro Educacional Tiradentes - CET.

A primeira apresentação do Grupo Ferramenta aconteceu no dia 9 de abril no sindicato. Em seguida, na festa da posse da nova diretoria eleita para o triênio 75/78. Entre as várias atividades da posse, festa, show musical e baile, o teatro estava presente. Assim no dia 20 de abril na sede do sindicato, o Grupo Ferramenta encenou duas comédias escritas em 1845 de Martins Pena: *O caixeiro da taverna* e *Quem casa quer casa*. O jornal *TM* ressalta que a representação foi feita pelo grupo formado e mantido pelo sindicato, como parte das suas atividades culturais e constituído por

*associados da entidade.*<sup>3</sup>

Em 1977, o sindicato promove um debate operário sobre horas extras (*TM*, nº 40, 1977). Mas não ficou só nisso. Enquanto o sindicato desenvolvia a campanha salarial com os conhecidos recursos tradicionais, outra atividade cultural agitava os trabalhadores. A peça teatral *Eles crescem e eu não vejo* escrita por Expedito Soares Batista, título, aliás, inspirado na campanha contra a hora-extra, procurava construir um canal efetivo de acesso aos metalúrgicos.<sup>4</sup>

Maio de 1979, um grupo de operários e filhas de operários metalúrgicos reunia-se na sede do sindicato, que há menos de dez dias estava sob intervenção. O grupo pretendia realizar um trabalho cultural a partir do sindicato, que além de ser uma opção de lazer, pudesse também contribuir no crescimento e avanço da consciência da classe operária. (...) O teatro era arma. (...) Formou-se assim o Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. (...) Mas não era a primeira vez que esses operários se reuniram para falar de teatro. Alguns já haviam participado do extinto Grupo Ferramenta também do sindicato.<sup>5</sup>

Já em fins de 1978, na preparação da campanha salarial para 1979, esse grupo de trabalhadores metalúrgicos havia se organizado para montar uma peça que pudesse ajudá-los no esclarecimento e na mobilização da categoria em torno do *Contrato Coletivo de Trabalho*, que era o eixo principal da campanha. Baseado em entrevistas, Tin Urbinatti, vindo do Grupo de Teatro das Ciências Sociais da USP, coordenador-geral, escreveu um *esquete curto e grosso: O contrato, que em menos de um mês eles montaram e apresentaram no sindicato e nos bairros.*

Depois da greve e da intervenção, o Grupo Forja estava criado e tinha definido alguns de seus objetivos: *atuar no sindicato, nos bairros e favelas onde moram os metalúrgicos; montar peças mais elaboradas artisticamente e peças mais simples (esquetes) para auxiliar mais diretamente nas campanhas deflagradas pelo sindicato.*<sup>6</sup>

As lideranças sindicais, ao promoverem as atividades do departamento cultural, ao apoiarem as investidas teatrais dos trabalhadores, procuravam construir laços sólidos com a sua categoria.

No dia 7 de março de 1980, o *Suplemento* veiculava a estréia do *Sombra*, denunciando as irregularidades nas fábricas. As notícias da Ford, da Brastemp, da Volks, entre outras, irão se juntar as do Fundo de Greve (*Baile para ajudar o Fundo de Greve da categoria. Compareça...*). Assim como as notícias do teatro: *Pensão Liberdade é o nome da peça que o Grupo Forja, formado por trabalhadores, irá apresentar domingo dia 9 às 20 horas, no auditório do sindicato. (...) Compareça e traga a sua família.*<sup>7</sup>

No dia seguinte à estréia apareceu uma pessoa procurando o departamento cultural do sindicato, e junto ao seu diretor identificou-se como agente da Polícia Federal. Solicitava que fossem encaminhadas três cópias do texto “Pensão Liberdade” (escrito pelos atores-operários)

àquela repartição. Aliás, é importante registrar que a peça mostra como o operário vê os seus problemas, as lutas, o seu trabalho. Narra o que é a vida do operário através do dia-a-dia em uma pensão. Os temas dispostos mostram a luta na fábrica, o desemprego, o escritório, a escola, o sindicato, a assembléia, a greve e o piquete.

Corria o ano de 1981. O Grupo de Teatro Forja estava apresentando dois trabalhos: “Operário em construção”, baseado em poesias de Vladimir Maiakóvsky, Vinícius de Moraes e Tiago de Melo e uma peça de teatro de rua – “A greve de 80 e o julgamento popular da Lei de Segurança Nacional” (Suplemento, 22-01-81). Essas peças eram apresentadas nas ruas, nas praças, na Vila Euclides (Estádio 1º de Maio), ou seja, nos locais onde a diretoria cassada em 1980 realizava as assembléias da campanha salarial de 1981, pois o sindicato estava sob intervenção federal.

Sem *a sua casa, sua oficina de trabalho que era o sindicato*, o Forja utilizava o espaço do Fundo de Greve. Com estas peças, o Forja *cumpria seus objetivos: 1. fazer um teatro que fosse uma opção cultural, de lazer para os trabalhadores e 2. cumprir a função social do teatro de fornecer subsídios para a reflexão da própria vida e realidade.*<sup>8</sup>

O ano de 1982 começava com o anúncio no *Suplemento* de um grande show baile com Gonzaguinha, no conjunto Vera Cruz. Ainda no mês de janeiro ocorreriam a 1ª Feira de Cultura Operária Popular, os anúncios dos cursos da escola do sindicato e o baile de verão no sindicato (Suplemento, 17-03-82). Simultaneamente estava sendo agilizada a campanha salarial de 82. “O Grupo Forja convida os companheiros que saibam tocar instrumento de acompanhamento de samba (batuque) para acompanhar o Grupo durante as assembléias da C. Salarial” (Suplemento, 03-02-82). *O robô que virou peão* foi a peça de teatro de rua com que o Grupo Forja auxiliou a diretoria do sindicato nas assembléias da campanha. Um teatro sem-texto. Sem nenhuma palavra. Apenas mímica e gestos.

O Grupo Forja materializou alguns personagens como *João Ferrador*, o *Patronildo* e o *Sombra*, que até então eram apenas estampados nos jornais e boletins do sindicato ou nas camisetas do Fundo de Greve. Desse modo, *o trabalhador via na sua frente o João Ferrador, o Sombra, ou o Patronildo, os quais vinham cumprimentá-lo. Personagem que até então eram apenas imagens que estavam em seu pensamento, em sua memória, na sua cultura de peão do ABC.* Ao discutir a robotização nas fábricas, o Grupo Forja apresentava, nas cenas finais, os operários e o robô mandando para o *olho da rua* o patrão. Inclusive, no início da peça, os operários haviam levado o *novo companheiro* para uma pescaria colocando um enorme coração no peito do robô.

Desta forma, encontramos, também no ano de 1982, o Grupo de Teatro Forja agitando os trabalhadores com outro texto teatral (Suplemento n. 442, out/82). No dia 16 de outubro, estreou a peça *Pesadelo* escrita e dirigida pelo Forja, situando o problema do desemprego.

Aliás, merece ser frisado que o Grupo de Teatro Forja – representando a categoria metalúrgica de São Bernardo e Diadema – participou do II Festival de Teatro Amador do ABC promovido pela Prefeitura de Santo André em outubro de 82. Para a felicidade do Grupo Forja e do próprio sindicato, a peça *Pesadelo* obteve a maioria dos prêmios. Recebeu troféus pelo melhor espetáculo, melhor cenário, melhor ator coadjuvante, melhor atriz coadjuvante e medalhas de Menção Honrosa para Jonas dos Santos e Carlos (pelo trabalho de ator), Tin Urbinatti (direção) e figurinos do Grupo Forja. O *Suplemento* fez questão de destacar que os troféus e as medalhas estavam em exposição no sindicato:

Com esse feito do Forja, a categoria metalúrgica de São Bernardo e Diadema dá demonstração de que é capaz de produzir não só dentro da fábrica, mas também de fazer a sua cultura. A cultura do trabalhador, feita por ele mesmo.<sup>9</sup>

A peça *Pesadelo* fica em cartaz no sindicato até o mês de dezembro. Depois é retomada em janeiro de 1983, encerrando esse ciclo no mês de fevereiro. Assim, entre os anos de 1983-84, os líderes sindicais de São Bernardo continuaram apostando todas as suas fichas nas atividades culturais, especialmente no grupo de teatro. Na campanha salarial de 1983, por exemplo, na tentativa de mobilizar ainda mais a categoria ocorreu uma apresentação, no caso, em uma Assembléia da Vila Euclides do Grupo Forja com a peça “*Brasil S.A*” – uma sátira do acordo com o FMI e do “gordo” (Delfim Neto) e seus “capangas”. (Cf. *Suplemento*, n. 513, março, 1983).

Em 1984, o Grupo Forja exibiu duas peças: “O operário em construção” e “*Pesadelo*” – esta no Teatro Elis Regina em São Bernardo (Cf. *Suplemento*, nº 669, maio, 1984). No decorrer de 1985, além das múltiplas atividades culturais propostas pelo sindicato – festas, bailes, shows, ciclo de cinema e ciclo de debates – o Forja continuou apresentando o “O operário em construção” e a peça “Boi constituinte” (Cf. *Suplemento*, nº 826, maio, 1985). Esta última peça é composta de duas danças populares brasileiras: o “boi-bumbá” e a “congada”. Mediante o tema da constituinte evidenciam-se através das “evoluções” os interesses dos trabalhadores e dos patrões na luta do dia-a-dia. (Cf. *Suplemento*, nºs 841, 843 a 845 e 847, junho e julho, 1985)

Entre 1986 e 1987 o Forja continua atuando no sindicato e em outros espaços. Nos dias 04 e 05 de abril de 1987, marcando os 8 anos de atividades do Grupo, formando em sua maioria por metalúrgicos, é encenada a peça “A Revolução dos Beatos”. Escrita por Dias Gomes cuja ação acontece em 1920, na cidade de Juazeiro, no Ceará. Trata dos milagres do Padre Cícero, e como essa crença do povo no “padrim” foi utilizada para eleger políticos da época. (Cf. *Suplemento*, nº 1129, abril, 1987)

A partir do ano de 1988 vamos conhecer uma intensa programação de peças teatrais de outros grupos da região. Ao mesmo tempo em que o departamento cultural incentiva a formação de um novo grupo de teatro do sindicato – com a dissolução do Forja – abre-se espaço para grupos como “Um Certo Quadro Negro”, “Renascença”, “Oikosergon”, “Calango”, entre outros.<sup>10</sup>

Vale recordar, que para as lideranças sindicais de São Bernardo, o “trabalhador, no seu cotidiano, escreve poesias, faz música, pinta, faz escultura, enfim, produz arte. Temos que captar isto como forma de resistir ao que é imposto pelos meios de comunicação burgueses. (...) É preciso priorizar a questão cultural como formadora de consciência política e que possibilite ao trabalhador entender o seu papel no processo de transformação, (...)”.<sup>11</sup>

Com um público médio, nas apresentações teatrais, de 150 pessoas o departamento cultural investe na capacidade dos trabalhadores produzirem e terem acesso as produções culturais existentes, bem como ter um espaço para produção e manifestação.

O Grupo de Teatro Forja retorna – ensaiando uma volta que se tornou episódica – em 1991, com a peça “Águia do Futuro”, que questiona o futuro da humanidade através do cotidiano de uma família.<sup>12</sup> Mais uma vez, arte e diversão no sindicato, na fábrica ou em outros espaços que o Forja se acostumou no decorrer da década de 1980.

### III - Conclusão

“Como diz o povo: quando é tempo de mudança de lua  
A lua jovem ainda segura e velha  
Toda uma noite em seus braços”

Brecht

Fernando Peixoto, no texto “Quando o povo assiste e faz teatro” – a propósito da peça encenada pelo Forja “Pensão Liberdade” – salienta a importância do teatro popular como uma questão política. Desse modo, a questão da estética é também uma questão política. Uma “estética do oprimido, que exprime a ideologia da libertação. Existe uma arte revolucionária, que não deixa de ser arte por assumir a tarefa prioritária de transformar a sociedade. Que, enquanto arte, sabe que sua eficácia política está na razão direta de sua riqueza artística. (...) Ela faz da urgência de transformar a estrutura social, a partir de seus fundamentos econômicos, uma necessidade primeira: faz da atividade artística uma arma de conhecimento e reflexão. (...) Teatro popular é uma questão política: não pode ser compreendido fora da batalha pela democracia e pelo socialismo”.<sup>13</sup>

Para as lideranças sindicais de São Bernardo o empenho em desenvolver atividades culturais – entre as quais o teatro é de fundamental importância – requer objetivos pontuais, tais como: “desenvolver o ser humano no seu todo”, “proporcionar momentos de lazer”, “desenvolver o intelecto”, “fortalecer a luta”<sup>14</sup> etc. Durante os anos 80 temos um universo de linguagens, representações, imagens, idéias, noções propostas pelas lideranças sindicais que constitui, no dizer de O. Ianni, um "acervo fundamental" que ecoa até os nossos dias. Toda essa história é uma parte importante da história social e cultural dos atores-operários do ABC.

Em abril de 2000, uma matéria na Folha de São Paulo destaca: “MST apresenta peça em assentamento”. O grupo Teatral Vida em Arte surgiu em 1998, no assentamento de Rondinha. De acordo com os coordenadores do espetáculo, “o objetivo é utilizar o teatro como instrumento de reflexão e conscientização da sociedade”.<sup>15</sup> A peça “Retorno à terra” foi encenada pelo grupo integrado por 16 agricultores que trocaram a lavoura pelo palco. Afinal, não foi nos anos 70 que os metalúrgicos trocaram a fábrica pelo palco ...

## Notas

1. No terreno da comunicação as iniciativas incluem: o jornal *Tribuna Metalúrgica*, o *Suplemento* e os jornais de trabalhadores das empresas, a TVT – TV dos Trabalhadores, a revista *Ligação*, a Rede de Comunicação dos Trabalhadores – RCT e a Rádio dos Trabalhadores. Com relação à educação e/ou formação temos: conferências, palestras, congressos da categoria e debates com os operários. Assim como o Centro Educacional Tiradentes – CET e o Curso de formação sindical.
- 2 O personagem *João Ferrador* representa um trabalhador de boné, escrevendo um bilhete. Outros serão criados no decorrer dos anos, como o “Repórter Metalúrgico” e o “Sombra”. Cf. *TM*, nº 1, 1971, p. 7, e nº 8, 1972, pp. 4-5. Entre 1961 e 1964, houve uma iniciativa cultural bastante relevante, a do CPC de Santo André. Mesmo num período muito curto de existência é importante ressaltar que o CPC do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André foi uma experiência inovadora. Cf. CAMACHO, Thimoteo. *Cultura dos trabalhadores e crise política: estudo sobre o Centro Popular de Cultura do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André*. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 1999.
3. *TM*, nº 28, 1975, p. 5. Vale conferir: “O Teatro de Martins Pena, embora de uma época bem diferente da nossa, retrata problemas e situações muito comuns nos dias de hoje, as “críticas” são feitas de maneira bem cômica, sendo que o espectador tem diante de si cenas que o farão rir muito, enquanto que lhe é apresentado um problema que faz parte de seu mundo”. p. 7.
4. Uma seleção dos trechos mais importantes da peça teatral *Eles crescem e eu não vejo* pode ser encontrada no livro de FREDERICO, Celso. *A Vanguarda Operária*, São Paulo: Símbolo, 1979, pp. 39-48. O autor da peça Expedito S. Batista, na época, era aluno do CET e trabalhava como controlador de qualidade junto à linha de montagem, em uma indústria automobilística.
5. URBINATTI, Tin. “Pensão Liberdade: uma criação coletiva”. In: Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pensão Liberdade*. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 9. Ver também FESTA, Regina. *Comunicação popular e alternativa. A realidade e as utopias*. Dissertação (Mestrado) – São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1984. Esp. pp. 99-101.
6. URBINATTI, Tin. Op. cit., 1981, p. 10.
7. Suplemento Informativo da *Tribuna Metalúrgica*, 7 mar. 1980. Consultei também o folheto *Associação*. Venha contribuir para seu Fundo de Greve. *TM*, nº 56, 1980, p. 8.
8. URBINATTI, Tin. “Pesadelo: um processo de dramaturgia”. In: Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pesadelo*. São Paulo:

- Hucitec. 1982. pp. 15-16. Conferir a experiência do Departamento Cultural do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, entre os anos de 1978 e 1981 em que estão incluídas as atividades do Temetal (Teatro dos Metalúrgicos). assim como, as apresentações do teatro de rua, no mesmo período, dos bancários de São Paulo. Ver: ARAUJO. Braz José de. *Operários em luta*. Metalúrgicos da Baixada Santista (1933-1983). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 250-259.
- BLASS. Leila Maria da Silva. *Estamos em greve!* Imagens, gestos e palavras do movimento dos bancários, 1985. São Paulo: Hucitec: Sindicato dos Bancários de São Paulo, 1992. pp. 81-84.
9. Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica, nº 450, nov. 1982.
10. Cf. *TM* entre os anos de 1988 e 1991.
11. Cf. “Resoluções do 6º Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema”, São Bernardo do Campo, 1991, p. 22.
12. *TM*, nº 1863, 05-03-1991.
13. PEIXOTO, Fernando. “Quando o povo assiste e faz teatro”. In: Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Op. cit., 1981, pp. 32-33.
14. “1º Congresso dos Metalúrgicos do ABC” Resoluções, Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 1993. Em 1993, o Sindicato de São Bernardo unifica-se formalmente aos metalúrgicos de Santo André, constituindo o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, filiado à CUT. No entanto, embora os dois sindicatos continuem formalmente juntos, a unificação se tornou bastante problemática na prática, estando o Sindicato de Santo André impulsionando no momento um processo de separação.
15. Folha de São Paulo, sexta-feira, 28 de abril de 2000.